

Os Cátaros

© 2015 – Christina Nunes

Os Cátaros

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 – Limeira – SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação – sem permissão por escrito do editor.

Revisão e preparação: Sueli Cardoso de Araújo
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-361-7

1ª Edição – 2016

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
conhecimento@edconhecimento.com.br

Editado conforme o
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Iohan, (espírito)

Os Cátaros / Iohan ; obra mediúcnica psicografada por
Christina Nunes – Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2016.

294 p.

ISBN 978-85-7618-361-7

1. Reencarnação 2. Doutrina espírita 3. Psicografia I.
Título II. Nunes, Christina

16-0011

CDD – 133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Obras psicografadas

Iohan

Os Cátaros

Obra mediúnica psicografada por
Christina Nunes

1ª edição
2016



E, após setecentos anos, o loureiro reverdeceu. (Arkell, cátaro e trovador)

Aos cátaros, aos mártires do puro amor cristão. (Inscrição na estela erigida no Campo dos Queimados, há duzentos metros do *castrum*, em Montségur, pela *Société du Souvenir et des Études Cathares*)

Sumário

Conteúdo	
Prefácio.....	9
Apresentação.....	12
Introdução.....	18
1. Nos campos do Languedoc.....	21
2. O socorro ao cavaleiro.....	26
3. Um templário.....	38
4. A visita do <i>parfait</i>	50
5. Um vaticínio.....	58
6. Sentimentos imprevistos.....	63
7. Um casal Croyant.....	69
8. Os dois cavaleiros.....	78
9. Comunidade cátara.....	84
10. Um desentendimento.....	95
11. Conflitos íntimos.....	102
12. Em noite de pregação cátara.....	109
13. Amores platônicos.....	116
14. Conversão inesperada.....	128
15. O fim de um noivado.....	141
16. O princípio das agonias.....	146
17. Antes da tempestade.....	156
18. O efeito dominó.....	164
19. Por um triz.....	170
20. Madrugada de angústias.....	183
21. Antecipando planos.....	191
22. A fuga.....	197
23. O retorno de Gutiérrez.....	204

24. Resgate e sacrifício	210
25. A premonição de Gareth.....	220
26. Em Montségur.....	227
27. O visitante espiritual.....	238
28. Conferência cátara	244
29. A fuga de Jeanne	253
30. Tempo de expectativas	260
31. O aconselhamento de Aglais	268
32. O massacre de Muret	275
33. Das cinzas de Montségur	282
Posfácio.....	290
Vozes de ontem.....	290

Prefácio

Apresentar este livro é, principalmente, fazer um convite à reflexão sobre os tempos atuais, focalizando a Doutrina Espírita como recurso excelente para uma vida examinada, mas que necessita estar assertivamente aberta à causa do belo e do bem.

Christina, com sua mediunidade de serviço, e Iohan, o sensível autor, ofertam para todos nós uma complexa narrativa que tanto conta informações históricas sobre o Catarismo como explica o caráter de nossos afetos, e a maneira como eles modelam, seja consciente ou inconscientemente, nossas preferências e destinos.

Cientes de que a realidade espiritual inspira (e mesmo manipula) nossas vidas, porquanto os intercâmbios entre visível e invisível são contínuos, Iohan, espírito, traz à luz a história verídica de uma comunidade cátara, na paisagem medieval de Toulouse e do Languedoc, no sul da França.

Com cuidado e respeito histórico, o autor compartilha conosco hábitos, convicções e costumes dessa gente, cuja natureza de puro amor ao roteiro cristão primitivo não se deixou contaminar pelos engodos de uma força católica à época cruel, iludida por um poder temporal distorcido e que levou esse povo a padecimento e morte na fogueira, impedido a qualquer um deles o direito à defesa. Sem dúvida, estiveram esses infelizes “servos da igreja” internamente tomados pelo ácido da intolerância religiosa, camuflada a ganância, e que continuam a devorar homens e mulheres através dos tempos, dos renascimentos.

Iohan, cavaleiro e trovador, despertado pelo sincero amor a Gareth, bela e inocente jovem cátara, transforma-se, no de-

curso da narrativa, em fiel protetor do Catarismo, abrindo-se à proteção dos mais fracos, orientando-se, a partir disso, não somente por um código de honra pessoal como também pela herança imperecível das vitórias do espírito, que estruturam com segurança as escolhas que se harmonizam com as leis de Deus.

Anunciar então este livro é oferecer-lhes, leitor e leitora, a oportunidade de conhecer fatos ligados ao passado dos cátaros e, ainda, brindar a própria leitura com recursos intimistas que dizem respeito às nossas próprias “feridas e cicatrizes”, à medida que somos, por enquanto, “seres em construção”, seres inacabados...

Logo, tal como no enredo do livro, entre relacionamentos e eventos comunitários, políticos, medo, inveja, cobiça, preconceito, ganância, injustiça, assim como os valores e os sentimentos nobres, todos eles nos perseguem e forjam nossa humanidade imperfeita, embora fadada à perfeição, e com isso colhemos, no encadeamento dos fatos e dos personagens erigidos pela fecunda parceria médium-espírito, a importância, e para todos nós como espíritos aprendizes, dos apelos do amor, da solidariedade e da misericórdia.

E esses apelos, segundo o próprio drama vivido pelos cátaros, só fazem eco no mundo da vida quando se faz presente o olhar dirigido ao próximo e às necessidades da reencarnação.

Muito se tem falado sobre o sofrimento que a intolerância tem causado no mundo. Creio, assim, que este livro pode sensibilizar o público para o padecimento provocado por aqueles que, em nome do Cristo, segregam e atormentam minorias que professam de forma distinta sua religiosidade e, mesmo no caso da história narrada, sua forma muito pura de pôr em prática a mensagem do Cristo neste planeta multicultural, tomado por inúmeros estilos e maneiras de existir/coexistir.

O drama dos cátaros, desse modo, conduzido por Iohan e submetido ao bom senso da médium Christina, pode suscitar em nós, leitores, o desejo de minar mais e mais qualquer menção a preconceitos, reconhecendo em todo ser humano o pleno direito de amar a Deus e ao próximo segundo suas idiossincrasias e costumes; lembrando que em todo cenário da Terra, ontem e hoje, cátaros e muitos outros estão dedicados a disse-

minar a alegria e a esperança de dias melhores para todos os que vemos passando, segundo os desígnios do Amor que Jesus nos chama a realizar.

Este livro é precioso e certamente crescerá com o passar do tempo para compartilhar, além das minúcias de uma trágica história, as perenes experiências sobre a diversidade da qualidade do amor, cuja fonte é um dom infinito e que nos impulsiona para a realidade de nossos espíritos, cuja eternidade convoca múltiplos encontros e nenhum acaso!

Assim, acredito que este livro é de muita utilidade, principalmente para aqueles que já tenham compreendido que toda erva de intolerância torna estéril o espaço no qual ela gera perniciosa sombra. À falta da liberdade, a justiça fracassa.

Confiemos, portanto, no curso desta bonita história para colher o fruto da esperança como nossa (real) paisagem comunitária futura.

Eugênia Pickina

Educadora e terapeuta floral; mestre em Direito Político; assiste a projetos variados e dedicados à infância no Brasil e na Espanha.

Apresentação

No decorrer do mês de setembro último – justamente a marca dos oitocentos anos da pungente Batalha de Muret, durante a qual a Cruzada Albigense seguia em seu propósito de dar fim à chamada “heresia cátara” – e sem qualquer explicação plausível, este termo – *cátaro* – se pôs a flutuar em minha mente e espírito de forma insistente, e de maneira quase obcecada durante os períodos eventuais de lazer ou de terapia musical, quando ouvia minha coleção de músicas do projeto *Era*, de autoria, direção e produção do francês Eric Lévi, e a respeito de cuja obra já ouvira menções superficiais de que se diziam, alguns componentes desse projeto artístico, cátaros, ou também simpatizantes destes.

O importante a ressaltar na apresentação desta obra, a respeito da qual nutro previamente certo grau de zelo, dado o conteúdo e os objetivos delicados dos quais se faz portadora, é que, até então, e em nível consciente, praticamente nada eu sabia a respeito do que poderia vir a ser o Catarismo, para além de, recentemente, alguma noção superficial a respeito de terem sido, os seus praticantes, considerados hereges em um passado distante, sobre o qual, aliás, eu não possuía qualquer referência local ou cronológica exata.

Sei que, durante esse mês de setembro, e envolvida com a recepção via psicografia da terceira obra do espírito autor deste livro, que, de tempos a esta parte, assumiu a dianteira da parceria mediúcnica na transmissão de nossas obras na área espírita, em paralelo, e me causando alguma confusão por não poder atinar, em um primeiro momento, que causas maiores existi-

riam por detrás desse fenômeno de ordem psíquica, a palavra persistia pairando de mistura a estranhas imagens oníricas, nas quais me via vestindo trajes claros e despojados, ao ponto quase da indigência, cantando, e reunida a um grupo em ambiente campestre longínquo, fresco, vasto e reconfortante. Como resposta a poderoso magneto ligado à minha mente, esse contexto inusitado ressurgia, insistente, a intervalos diários, povoando e entremeando meus pensamentos cotidianos, como se me compelindo a, pelo menos, e de início sem maiores compromissos, sair em busca de algum ponto de conexão que me esclarecesse o significado do termo.

É útil, neste ponto, que antecipe ao leitor que, nascida em família kardecista de uma a outra ponta de seus componentes, todavia, e como acontece embora de modo mecânico para as tradições culturais e religiosas deste imenso país sincrético, fui, também, batizada na Igreja Católica. Todavia, de índole e convicção, e instintivamente, sempre avessa a quaisquer formatos dogmáticos onde quer que se achem, desde a fase infantil recusei tanto a participação em práticas usuais dos sacramentos católicos como a primeira comunhão, assim também, mais recentemente, e a partir da fase jovem e adulta, não pude confinar minhas tendências e realizações espirituais aiosas em nenhuma casa de rituais fechados, fossem onde fossem – Kardecismo, Rosacruzianismo –, onde também estabeleci vínculos, ou outros lugares afins em termos ideológicos ou religiosos, embora, aqui, queira enfatizar a diferença entre manter a liberdade de pensamento e de espírito e reconhecer, em todos esses caminhos, verdades que se aglutinam em essência e ensinamentos preciosos para qualquer buscador já desperto para a realidade da eternidade dos nossos espíritos!

Nunca aceitei de boa mente, e nisso concordando com o argumento de muitos conhecidos, amigos, leitores e escritores com os quais travei entendimento e contato ao longo dos anos, que devesse haver intermediários impositivos entre os nossos diálogos mais sinceros com Jesus ou com o Criador Supremo, em cujos mistérios se acham mergulhados os nossos espíritos. Percebo que é muito mais reconfortante, direto e eficiente conversar com Jesus, como com o espírito de elevada, excelsa esta-

tura evolutiva que tutora a nossa humanidade ainda letárgica, e chorar nossas mágoas e celebrar nossas alegrias da longa estrada dirigindo-nos diretamente a Deus, sem necessariamente recorrermos a intermediários para tanto, sendo estes, antes de tudo, tão filhos d'Ele quanto somos. Porque, se bem me faço expressar, Deus “é” em tudo, e, para a constatação, basta um lançar d'olhos para a Sua expressão manifesta na totalidade do que nos circunda e que coexiste em nosso interior.

Pensando em Jesus e em sua sublime trajetória, nunca identifiquei na pompa e nos traços de corrupção religiosa marcantes dos nossos tempos quaisquer semelhanças possíveis com a mensagem simples quanto soberana de amor legada pelo Mestre, e assim compreendida com clareza ímpar, na mais descomprometida leitura dos Evangelhos, por quem quer que seja – leigo das teologias ou não.

Por outro lado, e segundo minhas convicções das realidades espirituais norteadoras de nossas vidas, sempre me restou evidente que Jesus não usou de subterfúgios para falar a respeito da verdade da reencarnação, a exemplo, no episódio em que declara à estranheza manifestada por Nicodemos que, “em verdade, ninguém poderá entrar no Reino de Deus se não nascer de novo”. Também se me constatou em certeza, com toda naturalidade, nos idos de quase meio século de vida, as realidades da cura via imposição de mãos, e, mais do que a prática exercida por médiuns treinados nessa competência exclusiva no ambiente de Centros e Casas Espíritas, ainda – e por que não?! – no dia a dia mais corriqueiro.

Guardo, a respeito disso, recordações doces, preciosas, de um tempo em que minha mãe pegava minha diminuta mãozinha de criança e a punha sobre a testa, em seus terríveis acessos de enxaqueca, dizendo que aquilo a fazia curar-se mais rapidamente. Lembro-me de mim mesma fazendo coisa semelhante, de maneira intuitiva e caracterizada, sobretudo, por poderosos influxos do amor puro, em favor de meus dois filhos. De vezes em que, deslizando a mão sobre as costinhas de minha filha pequena, anos atrás, madrugadas afora, envidava, por vezes sem o auxílio de medicamentos, acalmar-lhe os acessos angustiantes de tosse provocada por crises asmáticas ou alérgicas. De

ocasiões outras, quando, intencionalmente, usei imposição de mãos sobre pessoas conhecidas, rogando a Jesus e às falanges invisíveis empenhadas no serviço do bem auxílio na dispensação de fluidos balsamizantes para dores tanto do corpo quanto da alma. E dos efeitos surpreendentes obtidos, por vezes para estupefação perplexa do próprio alvo desses cuidados.

Essas coisas, leitor amigo, creio, muitos de vocês também o façam com naturalidade pelos seus entes queridos, sem a mínima noção de que mais não praticam do que o passe magnético e a cura em favor do próximo, utilizando os recursos poderosos que nos são viáveis através das energias etéreas do amor, disponíveis a todos nós!

E esse contexto, portanto, fazia parte entranhada do meu modo de ser e pensar, e das minhas rotinas, muito antes que sequer tivesse ouvido a respeito dos cátaros, sobre os quais, somente agora – recente e “coincidentemente” no mês que marca os oitocentos anos do massacre promovido pela Igreja Católica contra aqueles que comungavam da prática e do entendimento pacífico de todos esses princípios descritos – vim a conhecer melhor, ou, antes, me “recordar”, de quem foram e de sua existência!

Em contínuo, e fechando o mosaico, quando já me vejo mergulhada numa situação de comoção difícil de administrar, descubro ter adquirido, inadvertidamente, e no decorrer do findo ano de 2012, em época em que andava também de forma inexplicável metida num interesse acentuado pelos temas do Graal e dos cavaleiros templários, uma *cruz cátara*, que volta e meia trazia pendurada ao pescoço por um simples cordão de couro preto; e, recentemente – justo no decurso do mês de setembro findo! –, vem espontaneamente ao meu encontro o autor da presente obra, durante um diálogo via psicografia, em intervalo da recepção do próximo livro, para confiar-me a revelação e apaziguar todos os questionamentos.

Confirmou o que eu já sabia – metade intuitivamente, metade provável via reminiscências de vidas anteriores –, emergindo dificilmente, de entremeio às névoas densas da memória espiritual sabiamente apagada para as lembranças das vivências de um tempo trágico, doloroso e quase esquecido!

Fora, ele, Iohan, um cátaro! Um cavaleiro e trovador, mais exatamente, que viveu na fronteira crítica exata entre as severas repressões de poder temporal e religioso daqueles tempos e os seus vínculos emocionais supremos com pessoas simples quanto com as representativas das camadas nobres da sociedade da época, envolvidas, francamente aquelas e discretamente as últimas, com as práticas e as crenças do Catarismo!

E agora, em mês e ano que completam os oitocentos anos daquele trágico 13 de setembro de 1213, confia-me ele – certamente secundado por muitos outros seres, amados e desejosos, desde aqueles tempos, de uma restauração justa do que quisera o Cristianismo primitivo fazer prevalecer – a despretensiosa tarefa de, em se lançando mão dos recursos oferecidos pelo arauto mais recente dessa digna missão, quais sejam o da mediunidade e do corpo da Doutrina Espírita, transmitir-nos uma história.

Uma narrativa verídica e a um só tempo singela, tocante e dramática, que, ao lado de justificar a legitimidade das intenções amorosas daqueles seguidores mais fidedignos de Jesus, revela a todos, também, leitor e leitora amiga, que, por caminhos vários, e por intermédio de muitos dos cátaros que hoje voltam à arena material terrena pela reencarnação, reverdece-se, enfim, e passados mais de setecentos anos, como predito, o impulso de resgate da mensagem evangélica mais autêntica do Reino do Espírito, tão dolorosamente mutilada¹ em sua nascente longínqua, naquelas belas paragens de Toulouse e Languedoc!

Esta obra, de iniciativa conjunta entre duas esferas da Vida, não dá ênfase à veracidade de nomes em localidades passíveis de averiguação de autenticidade histórica posterior. Intencionalmente, todos os que acompanharam o autor naquelas vivên-

1 O Catarismo, condenado pelo autoritarismo católico ferrenho dos idos dos séculos XII a XIII como seita herética, em razão de repudiar abertamente a pompa já consagrada e corrupta dos pesados dogmas e interesses temporais do poder religioso, foi alvo do mais cruento ataque da Igreja Católica pelos exércitos das Cruzadas, constituindo, a aludida Batalha de Muret, havida em 13 de setembro de 1213, uma das lutas mais sanguinárias, objetivando a dizimação definitiva do Catarismo nas regiões do sul da França, batalhas essas durante as quais muitos ditos “hereges” queimaram vivos em fogueiras – homens, mulheres e crianças! – em razão de tão somente optarem pela prática de uma versão do Cristianismo baseada, sobretudo, no Novo Testamento, e mais fiel ao que nos legou Jesus, durante a sua rápida passagem pela Terra. Esses fatos anteciparam a criação da famigerada Inquisição, uma ferramenta brutal de reforço da consolidação do poder católico em redutos ainda tidos como refratários da Europa, ao longo dos tempos medievais. (Nota da médium)

cias longínquas se acham, aqui, sob outras identidades fictícias, típicas das regiões francesas. O Languedoc foi e é uma única entidade regional ao sul daquele país, vitimada pela incúria da intolerância religiosa e dos massacres cruzados. Portanto, o que pretende o autor espiritual é emprestar homenagem e relevância ao significado mais precioso dos acontecimentos verídicos vividos de modo traumatizante não apenas pelos personagens da trama, hoje presentes na continuidade evolutiva do mundo sob outros nomes e fisionomias, como também por muitos outros, anônimos das linhas literárias históricas ou romaneadas de todos os tempos!

É, pois, esta narrativa dedicada à memória dessas centenas de mártires da Luz e da verdade maior contida na Mensagem do Cristo – homens, mulheres e crianças que, naqueles dias sombrios e distantes e nas terras perfumadas do sul da França, sucumbiram nas fogueiras de uma das mais brutais mostras de cegueira humana, em nome do verdadeiro ideal de Amor que Jesus queria para o mundo.

Christina Nunes, médium, em 20 de outubro de 2013.

Introdução

...Deus reconhecerá os Seus!...¹

Sim, é verdade. Sempre! Mas não na ótica distorcida dos homens, a respeito das realidades maiores, em cada época da longa e turbulenta história da humanidade.

Deus reconhece os seus em cada caminho que elege – sejam os afortunados, sejam os enganosos. Refiro-me, porém, aos caminhos afortunados no sentido evolutivo espiritual. Amigos, creiam-me, apenas este, de fato, felicita o homem, e não os demais, os ditos enganosos, embora muitas vezes nos surjam sedutores, mas apenas revestidos das aparências que os fazem supor venturosos, porque essa ilusória ventura é fictícia, transitória e esvai-se como a luz diurna esbatida pelas sombras do cair da noite.

É com esse pensamento que o principal foco desta narrativa não se concentre, propriamente, em nomes ou rótulos – de lugares, de personalidades –, mas em *atitudes*. Porque são as atitudes dos praticantes do Catarismo que motivam, ainda hoje, tantas obras e tratados de pensadores, historiadores ou de simpatizantes, ou ainda de muitos de seus componentes, ‘ressurretos’ em outra época – somente que portadores, hoje, por sua vez, de outros nomes e de novas vestes!

Naqueles tempos, nos quais era comum traçar trajetos longos por entre vales e campos abertos, extensos, através das colinas verdejantes e infinitas, e fazendo uso de transportes lentos

¹ “Matem todos. Deus reconhecerá os Seus!” (*Tuez-les tous! Dieu reconnaîtra les Siens!*). Palavras de Arnaud Amaury, abade de Cister, na iminência do massacre em Béziers em 1209.

que nos permitiam ensimesmar nos cenários naturais de intensa beleza ao redor, muitas vezes os contemplava, absorto, a trote lento, durante o cair do Sol. E, em inúmeras ocasiões, devo ter me perguntado se, na confusão caótica das incertezas do momento vivido, como ainda hoje acontece a tantos, não estaria eu também me permitindo mergulhar, de livre vontade, na penumbra do espírito, através do emaranhado inclemente dos dilemas relacionados a ideologias confusas, densas.

Havia um contraste drástico para as nossas escolhas – encurralados entre um livre pensar leve, claro, conciliador da dignidade do próximo, e outro a nós outorgado por força da pressão de tradições seculares, que nos haviam sido imperceptivelmente impostas, e se levantado ao redor à semelhança de muralhas que, somente muito mais tarde, identificaríamos com acerto, antes, como armadilhas, de molde a confinar toda a possibilidade de respiração espiritual mais saudável!

Essa respiração espiritual a que me refiro diz respeito, a qualquer tempo, à inerente àquele Reino, a respeito do qual o Cristo, outrora, discorrera, conceituando-o como o Reino dos Céus presente, em verdade, em cada um de nós, em consonância com os rumos que imprimíssemos às nossas jornadas no mundo.

Mas, para as distorções já graves outorgadas sobre a mensagem de Jesus pelo poder dominante daqueles séculos, esse Reino de Deus não era, de direito, conquistado por todo e qualquer ser vivente, desde que trabalhasse com diligência no burilamento do próprio espírito. Era, antes, mercadejado, mediante os joguetes obscuros de interesses e concessões materiais, todos eles atrelados às articulações das autoridades seculares entronizadas nas trincheiras dos poderes políticos e religiosos, que visavam, até mesmo, à conta de moeda de troca, ao alcance das benesses celestiais!

A simplicidade do amor e da bondade, do jugo leve ensinado pelo Cristo, fora relegada à obscuridade, em favor da praticidade dos investimentos de poder. Assim, para todo aquele de algum modo confinado nos desafios da convivência com os patamares elevados da nobreza ou do clero, simultâneos ao convite etéreo, inspirador, do modo de vida da gente mais sim-

ples, habitante de determinada fatia do mundo que, de índole, e por hábitos culturais, não dobrara de boa vontade a cerviz ante a ascendência férrea das autoridades eclesiásticas dominantes, portanto, não havia alternativa para se posicionar num meio-termo. E essa contingência, inevitavelmente, para inúmeros personagens, como ocorreu para mim, representava, sem exageros, nada menos do que dramático risco diário de escolha entre a vida e a morte: sob o assédio constante desfechado por pessoas influentes e pelos episódios de tal conjuntura ingrata, ao passo que atraídos pelos influxos cativantes dos convites suaves ditados pela consciência, à feição de aragens perfumadas, ocasionais, originadas em paragens nas quais reconheceríamos, com facilidade, nossa melhor destinação, naqueles instantes de maior serenidade por entre as perigosas ocorrências cotidianas!

Eu fora feito cavaleiro sob o patrocínio aragonês. Todavia, em tempos nos quais a cisão definitiva entre nobreza e os reinos e o poder religioso da Igreja dominante impôs posicionamento decisivo em favor dos movimentos das Cruzadas, sem que jamais imaginasse anteriormente tamanho dilema para os dias futuros, vi-me, repentinamente, atirado à necessidade de adotar decisões que comprometeriam não somente o meu destino como também, e, principalmente, o futuro de meus familiares e de seres por mim amados de maneira irreversível e o de todo um povo fadado a padecer os picos mais cruéis da tortura e do sofrimento de que se tem notícia nos registros históricos a respeito das perseguições tirânicas desfechadas contra os movimentos cristãos primitivos!

É, pois, desses lances dolorosos, mas heroicos, que pontearam as vidas de diversos seres anônimos, amigo leitor e amiga leitora, que, nesta obra, queremos lhes dar modesto noticiário, na intenção, sempre em tempo, de homenagear, honrar e justificar os espíritos dos mártires ainda hoje empenhados, incansáveis, na consolidação da presença da Luz eterna dos propósitos do Criador por entre as sombras ainda densas das turbulências deste mundo.

Iohan, em 26 de outubro de 2013.

1. Nos campos do Languedoc

Gareth andava por ali, recolhendo frutos em cesto grande dependurado em um dos braços delicados, enquanto se deliciava com a música singela dos cantos dos pássaros ocultos nas ramagens fartas do arvoredo e com o perfume vivo dos jasmineiros cultivados em solo aberto, nos terrenos pródigos de vegetação das proximidades da habitação humilde de sua família, quando parou, incerta, julgando ouvir um ruído esquivo.

Fez um gesto de alerta ao irmão mais novo que a seguia de perto, auxiliando-a, e empertigou-se. Aguçou a atenção e olhou em volta. Cuidadosamente, deixou o cesto em lugar protegido para avançar uns passos, espiando com curiosidade na direção do caminho sinuoso de terra esbatida que contornava os arredores, para desembocar mais à frente na longa estrada principal, comunicando com o centro comunitário maior de Béziers.

Do lado oposto da propriedade, dois personagens deixavam o interior da casa familiar convidativa, mantendo palestra agradável. Um homem encanecido, de aspecto piedoso, trajava hábito azul-escuro, em palestra com o morador, pai de Gareth e de vários outros meninos em escala crescente de idades que variavam dos dez aos vinte e quatro anos: Bran, o esposo de Marie, diligente tecelã da vila.

– Como conversamos, Bran, convém a Marie considerações detalhadas com tua filha, com vistas ao cenário que entreveremos, relacionado às atitudes de Jacques.

– Espero que assim seja e tudo corra em acordo com esses planos, para nossa tranquilidade familiar! – concordou logo Bran, expressando simpatia pela situação.

– Não creio Gareth refratária a Jacques, *croyant* como ela. Na conjuntura das vidas de ambos, além de tudo, isso representará segurança!

Anotando essa observação, de dentro de maior seriedade fisionômica, considerou:

– Confio inteiramente nessa providência, Andray, porque teu sobrinho é homem estimado em toda a região e na nossa comunidade religiosa! Sei que sua proximidade de minha filha não obedece a outra condição que não o sentimento honesto que lhe nutre!

Andray escutava o discurso paterno com evidente satisfação na fisionomia experiente e bondosa, mas, nesse ponto do diálogo, ouviram passos ligeiros se aproximando a correr e interromperam-se, atraídos com curiosidade pelo ruído.

Para pronta estranheza, Bran deu com Gareth se aproximando rápido com Marc em seu encaço, o rosto muito alvo rubro da correria sob o sol matinal, os olhos caramelados dilatados de espanto, aparentando despropositado susto. A moça parou, ao alcançá-los. Dirigiu ao visitante polido cumprimento e, em seguida, somente explicou, com o rapazinho arfante secundando-a na expressão assustadiça:

– Vem, pai! Ali! Venha ver! – chamou, sem fôlego, apontando em certa direção.

Ato contínuo disparou a correr para o lugar onde se achava antes, colhendo flores e frutos. E os dois homens, após se entreolharem presos de indisfarçável confusão, apressaram o passo para segui-la em sua corrida desabalada colina afora.

Quando ambos os anciãos a avistaram novamente, de longe, ela se achava agachada, com Marc, ao lado de um vulto aparentemente caído no solo forrado de folhas de abetos ainda úmidas do sereno noturno. O tão só cenário entrevisto preocupou de pronto Bran, que acelerou a passada, mas Andray firmou-lhe o braço, sossegando-o.

– Calma, amigo! Serenidade, porque, ao que parece, temos ali alguém caído, sob o socorro da tua filha, e não um animal feroz! – e sorria-lhe, confiante. – Fosse alguém passível de lhe fazer mal, já o teria feito! Vamos ver o que está acontecendo!

À distância, de fato, Gareth fazia movimentos intuitivos

para envolver nos lenços retirados de seu cesto o braço de um desconhecido metido em trajes estranhos, aparentemente um uniforme blindado de cavaleiro feito em pedaços por uma queda accidental de sobre um cavalo basco, que pastava por ali, sem querer se arredar de perto de seu dono.

O acidentado dava mostras de despertar aos poucos, apercebendo-se dos cuidados de que era alvo. Deu com a vista embaciada na moça diligente e, de pronto, sobressaltou-se com a circunstância insólita, ensaiando um solavanco.

– Aquieta-te! A dor deste braço vai te matar, se ousar se levantar agora! Vou cuidar do teu ferimento! – ela advertiu, com energia pouco usual a alguém de sua idade rebrilhando no olhar juvenil; mas a advertência soou ao personagem caído ao solo mais estranha ainda, e ele retrucou, ressabiado:

– Vai cuidar-me como, tu, uma mulher, e ainda na tua idade? És uma feiticeira, por acaso? Quero um médico da minha Ordem! Se queres me ajudar, providencia, ou pede que alguém o faça, porque não vou me entregar aos movimentos de uma quase criança aldeã!

– Não sou criança, *senhor*, e quero logo te perguntar, já que a dor do movimento te comprovou que estou certa sobre o seu estado: és um cavaleiro?

– Sim! – o rapaz moreno, de olhos expressivos e algo melancólicos, saturados de um cansaço indefinível, concordou, ainda que com a mesma postura defensiva.

– Naturalmente, então, és cristão!

– O que tem uma coisa a ver com outra?

– Jesus disse que satanás não combate satanás! Então, como me acusas de feitiçaria por querer ajudar na tua cura? – e agora, um riso claro de zombaria emoldurava os lábios travesos da jovem, que não parava de se movimentar enquanto falava, imobilizando o braço do relutante cavaleiro. – Tu és cristão e entrega-te certamente a questões de guerra, bem pouco piedosas! Fosse eu feiticeira, como na certa você as entende, acha então que perderia meu tempo te ajudando, quando poderia promover malfeitos contra ti?!

O rapaz emudeceu, mas, àquela altura, os dois homens mais velhos os alcançaram, sob a observação até então muda,

apreensiva, do rapazinho mais novo, agachado ao lado em expectativa.

Bran mediu a filha e o estranho, e ela se levantou para explicar.

– Vê, pai, o cavalo rondando ali perto? Este homem é um cavaleiro, e não sei em que condições se acidentou! Nós o achamos largado e desmaiado aqui, com o braço ferido e o uniforme roto! Quis ajudá-lo, do modo como me foi ensinado! Mas ele é rabugento! – a mocinha reclamou, fechando a fisionomia. – Chamou-me de feiticeira!

Bran trocou logo com Andray um olhar apreensivo, mas foi esse último que, lúcido e oportuno como sempre, mostrou melhor iniciativa ante a muda apreensão paterna.

Fez um gesto amistoso ao homem caído a medi-los ainda do mesmo modo prevenido e relanceou a Gareth o olhar paternal, sorrindo-lhe.

– Naturalmente, o cavalheiro assim falou de maneira desprevenida, por não lhe conhecer, filha, pois todos sabem que não existem feiticeiras em Béziers! Menos ainda, feitiçarias, como a definem muitas mentes simplórias! Mas, deixemos a perda de tempo, para dar conclusão aos seus cuidados bem-vindos! – abaixando-se ao lado do homem fardado, olhou-o sem alterar o semblante amistoso. – Somos moradores do povoado! – esclareceu. – Camponeses simples, talvez, *senhor*, mas não feiticeiros! Costumamos ajudar os peregrinos e viajantes que vez por outra encontramos em dificuldades! – e, com um gesto casual, perguntou-lhe: – A propósito, como te chamas? E o que lhe aconteceu, para vir dar aqui, tão longe das suas origens, ao que vejo, e nesta situação precária? – indagou, medindo-lhe, percuente, os ferimentos e as vestes em estado prejudicado.

Curiosamente, o rapaz demorou a falar. Parecia medir o que diria, ainda receoso daqueles que tinha diante de si. Apesar disso, não conseguia desviar, por razões incompreensíveis, os olhos magnetizados pela figura graciosa da filha de Bran, agora quieta, de pé ao lado do irmão mais novo.

De onde reconhecia aqueles lindos olhos caramelados emoldurados por longos cílios acentuando-lhe, no rostinho alvo e oval, a peculiar expressão entre infantil e voluntariosa que de-

nunciava, na moça, o traço predominante de seu caráter? Onde já convivera com tal individualidade única que, naquele semblante, identificava ao seu espírito, de modo inexplicável, mas convicto, aquela jovem de estatura mediana e de formas graciosas, com os longos cabelos castanhos assoprados com brandura pelas brisas matinais oscilando-lhe sobre os ombros delicados, naquela região encantadora do Languedoc francês?¹

Demorava-se, sem responder logo à indagação percuciente de Bran, mergulhado nessas ponderações íntimas intrigantes, quando a voz do senhor respeitável, agora também agachado a seu lado, despertou-o de seu devaneio confuso.

– Marc! Corre até a minha casa e chama Jacques para nos auxiliar no transporte do moço! Conta-lhe brevemente o que se passa, porque necessitamos da força de mais um homem para conduzi-lo até a sua casa, com a permissão do nosso Bran, para tratá-lo. Ele não pode de modo algum prosseguir viagem no estado em que está!

Enquanto Marc se apressava para atender ao pedido do ancião generoso, e antes que o viajante pudesse recomeçar a protestar, receoso, como já ensaiava fazer, Andray retomou a palavra, agora com certa autoridade entre generosa e intimativa, para pedir:

– Quanto a tu, cavaleiro, conta-nos, enfim, o que te aconteceu, para darmos contigo nestas condições precárias!

1 O personagem experimenta fugidio *déjà-vu* – reconhecimento de uma individualidade a partir dos registros de memórias de vidas passadas, tanto mais vívidos quanto fortes forem os laços pregressos de simpatia ou antipatia que unem os envolvidos. (Nota do autor espiritual)

2. O socorro ao cavaleiro

Marc obedeceu à risca a solicitação do sacerdote generoso. Correu, diligente, até a residência familiar desse último e, conhecendo de antemão a propriedade onde com frequência prestava auxílio em pequenos serviços domésticos, dirigiu-se a uma oficina tosca dos fundos, onde sabia que encontraria um rapaz de semblante disposto e agradável, robusto, branco, de fartos cabelos escuros caindo-lhe, úmidos de suor, sobre os olhos.

Era Jacques Chantal, sobrinho de Andray, que se concentrava, naquele horário do dia, no serviço árduo do conserto de uma mesa.

– Jacques! Bom-dia! – o garoto cumprimentou, arfando da correria, e levando de saída do outro uma reprimenda dada sem aborrecimento, com leve tapa em seu braço imberbe.

– Marc, quantas vezes já lhe preveni para não se apoiar num móvel onde estou trabalhando?!

– Desculpe! – o menino deu uma pausa desconcertada e largou um sorriso seco. – Mas quem me mandou aqui à tua procura foi Andray! Precisa com urgência da tua ajuda no socorro que presta a um homem que foi achado por Gareth e por mim ainda há pouco, caído e ferido, na estrada menor dos fundos! Aquela que corta os bosques lá detrás, dando para as montanhas!

Ouvindo aquilo, Jacques logo parou o que fazia, a atenção presa nas notícias que lhe trazia o menino ainda ofegando do cansaço e do calor da correria até ali.

– Você e Gareth? Mas... Que faziam naquelas bandas desertas do vilarejo, Marc? Já adverti Gareth para não se aventu-

rar por ali, a não ser que esteja na minha companhia, ou na de um dos seus irmãos mais velhos!

Àquele comentário desassossegado, mas como sempre pronunciado com a tranquilidade habitual ao temperamento do sobrinho de Andray, o bom homem¹, resolveu caçoar um pouco:

– E desde quando Gareth te dá ouvidos, Jacques? Mas é melhor que venha logo! O desconhecido lá está caído na estrada, e Bran e Andray precisam da tua ajuda, porque querem abrigá-lo e cuidá-lo para que possa prosseguir viagem! Ele não se aguenta de dor no braço!

Jacques deu um sopapo de brincadeira no chapéu do menino e, sem se aborrecer com a troça, interessou-se por outros detalhes da história inesperada, enquanto se desfazia com rapidez do martelo e demais ferramentas com que trabalhava na mesa, agora esquecida a um canto, para atender o quanto antes ao chamado.

– Mas, quem é este homem? E por que está ferido?

– Parece-me que caiu de um cavalo, que lá está pastando perto dele. Não sabemos o que aconteceu! Venha, e poderá entender melhor!...

Marc saiu com Jacques da oficina improvisada nos fundos da moradia humilde de sua família, e aceleraram os passos para alcançarem, um quarto de hora mais tarde, o ligeiro declive no qual, ao longe, o rapaz avistou o pequeno grupo ainda em conferência ao redor do acidentado, que de fato aparentava estar impossibilitado de se demover de onde estava sem ajuda.

Andray notou sua aproximação de longe, trocou breve entendimento com Bran e Gareth, detida a analisar com discrição o desconhecido ferido caído a seus pés, e avançou para encontrar o sobrinho antes que ele e o irmão mais novo da jovem os alcançassem.

Notando isso e entendendo a provável intenção do ancião, Jacques desacelerou intencionalmente os passos e concitou o rapazinho a correr de volta ao encontro do pai para algo mais em que pudesse ser útil.

Pouco depois, Andray o cumprimentou e, apondo-lhe, fraternalmente, a mão no ombro, atraiu-o a um ângulo da vasta campina

1 “Bons homens”, “boas mulheres” era a designação dos sacerdotes ou sacerdotisas cátaras. (Nota da médium)

varrida pelos ventos frescos e perfumados da manhã. E comentou, sob o olhar preocupado do rapaz, alternando entre ele e a cena se desenrolando a certa distância de onde estavam:

– Tudo que conseguimos obter do desconhecido foi seu nome: Arkell. – Andray gesticulou, embora nada despreocupado. – Parece-me demasiado zeloso em revelar mais sobre si próprio: sobrenome, origens, seu destino e ocupações! Mas, evidencia-se, pelos trajes, que é um cavaleiro! E assim explica-se, também, o modo pouco prolixo com que se comporta! Deve obedecer a recomendações rigorosas de sua Ordem!

Apesar da despreocupação piedosa usual do tio, ouvindo aquilo Jacques não compartilhou com ele a serenidade com que lidava com a situação.

– Mas... Tio! Um cavaleiro?!

Relanceando o olhar arguto no todo da figura do homem jovem ainda quedo ao solo, mal podendo mover-se, alertou:

– Pelas insígnias, parece-me do patronado aragonês! No entanto, isso não serve para nos sossegar em relação a cuidados de que, nos tempos em que vivemos, não podemos nos desfazer! – novamente fixando Andray em busca de mais esclarecimentos, fez um gesto ansioso, mal contido. – Marc me disse que foram ele e Gareth que deram com o estranho por aqui, e que ela providenciou os primeiros cuidados a ele! Foi assim mesmo que aconteceu?

A isso, porém, e compreensivo, antes de tudo, das causas dos zelos cuidadosos do sobrinho pela moça, Andray comentou, sem se demover da segurança íntima de que sempre dava mostras:

– Sim, jovem, ela e o irmão colhiam frutos para a mãe e não houve como evitar o encontro inusitado, porque o rapaz achou de se acidentar bem no meio da trilha cujo trajeto corta a propriedade da família, mas... Noto que, como sempre, cuidas da moça com o mesmo zelo excessivo do pai dela! Não é para tanto, Jacques! Conheces Gareth, seu temperamento e o dom de que se faz portadora, que vem sendo desenvolvido pelas curadoras do nosso povo! É a missão dela neste mundo, filho!

Jacques sorriu de leve, ouvindo-o, e observou, apenas, sem querer se deter mais, para ir logo para perto do grupo à distância:

– E você sabe qual é a minha missão, tio! Não sabe? – À aquiescência imediata e confraterna do ancião lúcido, que lhe devolveia o sorriso amigável, concluiu: – Então, entenda os meus cuidados! Venha, porque quero ver o que de fato está acontecendo lá!

Aproximaram-se, acercando-se do grupo reunido ao redor do cavaleiro, que, agora, aparentava maior apreensão, ante mais um personagem estranho que se lhe acercava.

Ele denotava ostensiva desconfiança de todos. Mas, percebendo de pronto o modo como a despeito disso ele lançava olhares de significado indefinido para a jovem agora atenta à sua chegada, Jacques cumprimentou Bran, e, tomando-a gentilmente pela mãozinha ainda meio suja da terra que espanara do braço ferido do cavaleiro, atraiu-a de lado um pouco, para a troca de breves palavras.

O pai permitiu a entrevista esquiva, apenas esperando, e tentando de novo, com Andray, obter do acidentado mais informes que lhes permitissem auxiliá-lo do melhor modo, apesar de tudo.

– Gareth! Que aconteceu, criança? Não temeu se aproximar desse modo de um desconhecido, por mais que o reconhecesse em uniforme que o identifica como um possível servidor militar?

– Tu e teus receios, Jacques! E que poderia me fazer um homem estropiado que mal se mexe? O braço dele sangrava muito, tive que fazer às pressas um torniquete! Não dá mostras de que poderá montar tão cedo! Morreria aqui, vertendo sangue, porque nessa área desolada ninguém, que não nós mesmos, poderia auxiliá-lo! – ela cochichou de volta, com um sorriso a despeito de tudo divertido dos cuidados exagerados que o marceneiro sempre demonstrava para com tudo que lhe acontecia.

– E que houve com ele, afinal?

– Até agora, papai e o senhor Andray não conseguiram fazê-lo contar uma palavra que seja a respeito do que lhe aconteceu!

Jacques assentiu e pareceu se dar por satisfeito. Trazendo-a de volta, ainda sem soltar-lhe a mão, para junto do grupo, trocou de início um olhar amistoso com Bran e, enfim, medindo o ferido, agora também encarando-o com franca curiosidade,

comentou, em seu tom de voz baixo e sereno, e para certa surpresa dos demais circunstantes:

– Ao que observo, cavaleiro, foi vítima de roubo, de malfeitores; pois noto que contigo, e no teu animal, pastando próximo, não há mais provisões de sobrevivência sequer! – adicionando uma observação, esboçou um gesto conciliador, na tentativa de aplacar no cavaleiro a flagrante postura defensiva que exibia sem cerimônia a respeito do grupo ali reunido. – Não deveria viajar sozinho e assim, tão desarmado, por essas bandas mais distanciadas do centro populacional de Béziers! O povo da região é gente pacífica e simples, mas o senhor deve saber que, malfeitores, os encontrará sempre, e em todo lugar onde haja oportunidade de ação, nestes tempos de contrastes existentes nos centros citadinos!

Andray concordou e quis acrescentar medida mais prática ao diálogo, que, até ali, não obtivera nada de útil em favor do socorrido.

– Filho, quis chamá-lo para nos ajudar a conduzi-lo até a casa de Bran. Minha condição de velho não seria de muita ajuda e Marc é um rapazinho, bem disposto, é verdade, mas melhor aproveitado, por enquanto, como mensageiro! – sorriu para o menino, que o ouvia meio melindrado das impressões do sacerdote brincalhão, que punha em dúvida suas possibilidades físicas; todavia, ele já lhe incumbia de outra tarefa, e não lhe deu tempo de protestar. – Vai, Marc, de novo como nosso informante, e avisa Marie de que levamos aos seus cuidados e das demais filhas o senhor aqui ferido e precisado de socorro de certa urgência, de vez que deduzo que o aguardam suas muitas obrigações!

Quando os homens afinal se dispuseram a erguê-lo do chão atapetado de folhas de abetos onde ficara tombado e inconsciente por horas seguidas, e ainda relanceando-lhes os olhos escuros e de um brilho magnético incomum, o cavaleiro os surpreendeu, ao enfim dizer algo que esclarecia melhor o que havia lhe acontecido:

– Fui atacado por malfeitores! Roubaram-me o que pude-ram! Mas, travando luta, tomei uma estocada que me derrubou da montaria e apagou-me. Era noite e mal pude guardar-lhes a